

# ENTREVISTA

a Newton Araújo Jr.  
Da equipe do Correio

Brasília deve ser primorosa enquanto capital. E, como tal, deve necessariamente ser mantida pelos repasses do Governo Federal. A equação é simples: Brasília calcula seus gastos, cobre o que puder com a própria arrecadação, e o resto é bancado pela União. Seja em que porcentagem for. Essa concepção cristalina é defendida pelo professor de administração da Universidade de Brasília (UnB) Carlos Alberto Torres, 54 anos. "Em nenhum lugar do mundo se discute se a Nação deve ou não manter a própria capital", diz ele.

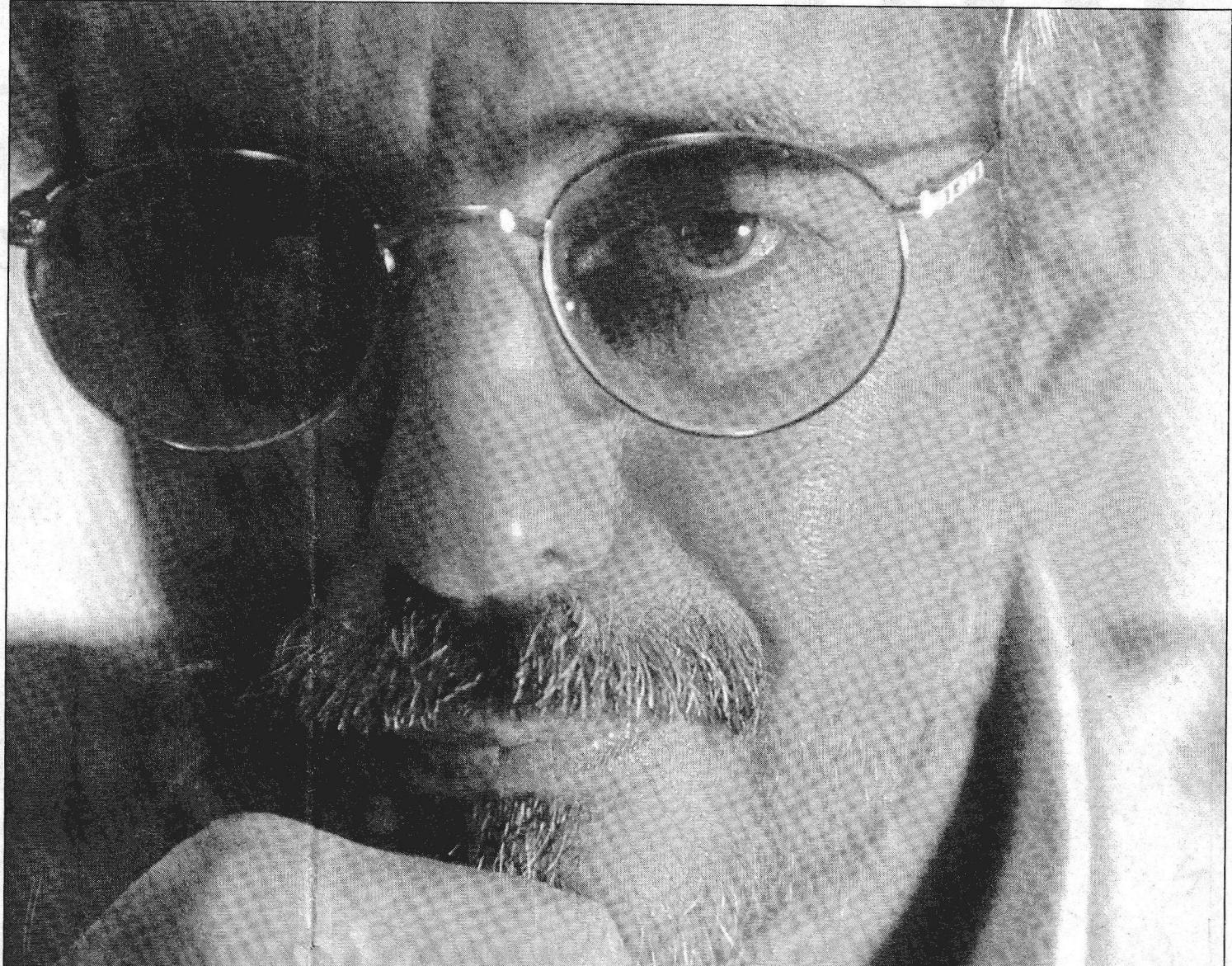
O professor chegou a Brasília em janeiro de 1975. Veio do Rio da Janeiro para ficar. É professor da UnB desde esse período. Engenheiro eletrônico com mestrado em Administração, hoje Carlos Alberto faz doutorado em Administração. Casado pela terceira vez, tem dois filhos do primeiro casamento nascidos aqui em Brasília.

Uma das mais antigas figuras nas lutas políticas da cidade, Carlos Alberto foi deputado distrital na primeira legislatura da Câmara local, de 90 a 94. Nas eleições seguintes, foi candidato a senador, não eleito. Foi secretário de Indústria e Comércio do governo Cristovam. Passou um ano no cargo. Ele critica a inépcia do ex-governador para estimular o crescimento econômico no Distrito Federal com uma sentença: "Cristovam não teve política econômica."

A estratégia de desenvolvimento da cidade, no entendimento de Carlos Alberto Torres, deve estar voltada para o setor de serviços e, particularmente, para a indústria da inteligência, da informação. Com um forte componente para o turismo. "O DF tem uma vantagem competitiva única: exerce sem concorrência o monopólio de ser capital da República. Nós devemos ter aqui toda a infra-estrutura da melhor qualidade para congressos, seminários e outros eventos importantes", avalia.

Para a capital federal atingir esse patamar de desenvolvimento, é preciso seriedade e responsabilidade na administração pública — o que tem faltado por aqui, na avaliação de Torres. A seguir, as idéias defendidas pelo ex-deputado em

Ricardo Borba



Carlos Alberto Torres: "Se Brasília quiser se manter como uma capital digna para o país, sempre terá que receber recursos do governo federal"

# Carlos Alberto Torres

**"Devemos atrair a indústria de software, que chamo de indústria de inteligência, por não precisar de terrenos e água, que não temos, e não trazer poluição"**

**Correio Braziliense — Há quem proponha a separação do Plano Piloto do resto do Distrito Federal, entre outras coisas para facilitar a manutenção do tombamento de Brasília. Isso é viável como alternativa administrativa ou é um delírio?**

Carlos Alberto Torres — É viável, mas não recomendável. Não é desejável nem do ponto de vista político nem financeiro do DF. Embora a renda maior esteja no Plano Piloto e as satélites tenham renda inferior, isso não significa que não estejamos numa realidade única. Mesmo que isso trouxesse benefícios à população do Plano Piloto, que receberia exclusivamente os repasses da União, a separação não traria benefícios às cidades-satélites. O resto teria que viver às próprias custas. Nos acostumamos com um projeto inicial para uma cidade de 500 mil habitantes. Mas a cidade cresceu muito além disso e essa passou a ser a única realidade socioeconómica da região. E isso tem que ser enfrentado com políticas públicas. Veja você, Washington (EUA) não tem autonomia financeira. E o DF sempre terá que contar com os repasses do Governo Federal por ser capital da República. Por ser o espaço que sedia a administração federal com todo o aparato das representações internacionais, das diversas empresas públicas. Sempre haverá necessidade de a União assumir responsabilidades financeiras com relação à sua capital, em qualquer país do mundo.

**Correio — O senhor faria comparações entre Brasília e outras capitais?**

Torres — O americano tem orgulho da sua história e da sua capital, é extremamente patriótico. Washington atrai o turismo cívico. Estive em Washington no dia da independência dos EUA. A maioria dos visitantes eram americanos de outros estados. Suponho que a renda de turismo lá seja muitas vezes mais significativa que a renda de turismo aqui. Por outro lado, não há nenhuma discussão nos EUA se os americanos devem ou não sustentar sua capital. Onde está o chefe de Estado, o Estado constrói os seus palácios. E isso tem que ser feito com a melhor qualidade, beleza, para durar e para receber o público. São caros e só podem ser mantidos pelo poder público. Na história, todos os povos sempre mantiveram as

sus capitais. Se Brasília quiser se manter como uma capital digna para o país, sempre terá que receber recursos do governo federal.

**Correio — E como esses repasses da União devem ser fixados para Brasília?**

Torres — É só fazer um cálculo de quanto a cidade pode se manter com recursos próprios e a diferença tem que ser financiada pelo Estado. Não tem saída. Se a receita própria só da conta de 40% das necessidades, os restantes 60% têm que ser pagos pela União. É uma conta simples. A União tem que sustentar a sua capital de tal forma que a cidade seja um orgulho para o país. Tem que ter a melhor educação, a melhor saúde e tudo o mais.

**Correio — Isso tem que ser fixado na Constituição?**

Torres — O Fundo Constitucional deve ser implantado para que o DF e o Entorno possam receber recursos extraordinários. Isso já está muito bem discutido. Agora tem que ser colocado em prática.

**Correio — E por que até hoje não foi posto em prática?**

Torres — Porque o Brasil se orienta por interesses políticos. A administração de Brasília é descontínua. Se foi um determinado político que propôs a matéria, e o governo federal não quer prestigiar esse político, o projeto não é implantado.

**Correio — Quais são as outras alternativas para a sustentação da cidade?**

Torres — Para aumentar a arrecadação, tem que se incrementar o turismo cívico. Para os brasileiros se embebedarem de compromisso nacional, esse espírito de cidadania é necessário.

O DF tem uma vantagem competitiva única: ele exerce sem concorrência o monopólio de ser capital da República. Nós devemos ter aqui toda a infra-estrutura da melhor qualidade para congressos, seminários e outros eventos importantes. Temos de ser referência nisso. Os custos de transportes para um evento grande realizado aqui são mais baratos para o resto dos habitantes do país do que em outras cidades, por ser mais central. Nós temos no DF a melhor infra-estrutura de telefonia e telecomunicações do país. Temos que aproveitar essas vantagens para investirmos e ganhar esses eventos nacionais. Outro aspecto é que nós estamos numa área de beleza extraordinária, o que é bastante favorável ao turismo ecológico. Brasília jamais será uma cidade industrial.

**Correio — Por que não industrial?**

Torres — Por que é necessário terreno, água, produção física e não há essas condições dentro do DF. A exceção são as indústrias de software, que chamo de indústria da inteligência. Essa é a indústria que eu acho que devemos atrair para cá. Por não precisar de terrenos e água, que não temos, e por não trazer poluição. Nossa natureza não aguenta essa agressão.

**Correio — Há quem aponte que a solução para Brasília seria a industrialização no eixo Brasília-Goiânia. O senhor discorda disso?**

Torres — Nesse contexto mais amplo, eu concordo e defendo há algum tempo. Essa industrialização ficaria fora do território do DF. E essas indústrias devem ter condições de competir na economia global. Há quem pense que possa atrair essas indústrias com facilidades na aquisição de terrenos e diminuição de impostos. Mas isso é um erro. A decisão de instalação de uma indústria leva em conta hoje os custos de localização numa economia globalizada. Hoje nós estamos falando de uma via de transportes que deságüe mercadorias brasileiras no Pacífico. Em Brasília só cabe a indústria da inteligência. Temos a vantagem de ser uma cidade bela, sem poluição, com qualidade de vida, com excelente sistema de saúde e de educação. Esse é o atrativo e a vantagem competitiva do DF.

**Correio — Também é um atrativo para milhares de migrantes de baixa qualificação...**

Torres — Esse é um problema nacional e nós vamos ter de criar pólos de desenvolvimentos regionais para fixar as pessoas em seus lugares de origem. Nós não podemos dizer aos outros brasileiros que não venham.

**Correio — E enquanto não acontece o desenvolvimento regional, o que Brasília deve fazer para manter a qualidade de vida?**

Torres — Se o crescimento de Brasília é espantoso, com taxas superiores à média do país, nós vamos ter que fazer frente a isso e manter a nossa qualidade de vida. No caso dos transportes e do excesso de engarrafamentos, por exemplo, temos que encontrar formas inteligentes de resolver o problema, aumentando a qualidade dos transportes públicos. Roriz tem de parar de demagogia e concluir o metrô, que

hoje é uma necessidade indispensável. Deve-se desenvolver a administração pública sem fazer concessões a medidas populistas que são, por si mesmas, atrativas ou ampliadoras do fluxo migratório. A política pública de terras tem de ser séria e responsável, e não fazer concessões aos especuladores, não se transformar em negócio — e a gente percebe que esses negócios hoje estão nas entradas do governo. Se não houver seriedade e responsabilidade públicas, os problemas serão ampliados.

**Correio — E isso não tem acontecido no DF?**

Torres — Eu acho que as administrações Roriz foram não-sérias e não-responsáveis. E assim tem sido agora. Já o Cristovam teve um grande erro: ele não teve política econômica. Ele fez uma opção de aliança principal com a especulação imobiliária, os grandes incorporadores. Cristovam não inovou em nada na essência da política econômica. Sua administração pública foi mais séria, menos dilapidadora em termos de benefícios pesados.

**Correio — Qual seria a política econômica adequada para o DF?**

Torres — Brasília tem que se desenvolver como cidade padrão e de qualidade. Temos que ter como centro a indústria da inteligência. A vocação de Brasília é de serviços, não é industrial. A economia de serviços é hoje a que cresce na economia global. Essa é a receita dos países mais avançados.

**Correio — E o que falta para isso não ser apenas mais uma intenção?**

Torres — Mudar a orientação estratégica e superar definitivamente a época da construção civil como fator dinâmico de desenvolvimento econômico e de geração de empregos. Você conta nos dedos as grandes empresas. As nossas empresas são micros, pequenas e médias. Consequentemente, a aliança de qualquer governo na gestão econômica deve ser com os micros, pequenos e médios empresários. E esses empresários precisam ser qualificados, com apoio tecnológico e gerencial, mantidos em parceria com o governo. Quanto mais o governo federal investir em Brasília, na perspectiva de um projeto nacional, mais esse dinheiro estará sendo bem aplicado. Se a inteligência de Brasília não é capaz de provar isso ao Congresso Nacional, nós não temos sequer uma elite política.